

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS
CURSO DE PROMOÇÃO A OFICIAL SUPERIOR
2018/2019



TIG

**O PAPEL DA HUMINT NO CONTEXTO ATUAL E FUTURO DE
EMPREGO DE FORÇAS TERRESTRES**

**O TEXTO CORRESPONDE A TRABALHO FEITO DURANTE A
FREQUÊNCIA DO CURSO NO IUM SENDO DA RESPONSABILIDADE DOS
SEUS AUTORES, NÃO CONSTITUINDO ASSIM DOCTRINA OFICIAL DAS
FORÇAS ARMADAS PORTUGUESAS OU DA GUARDA NACIONAL
REPUBLICANA.**

CAP INF César António Rangel Monteiro
CAP INF João Filipe Pires Xavier
CAP ART Ana Raquel Garção Maurício
CAP INF André Miguel Farinha Bento



INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS

O PAPEL DA HUMINT NO CONTEXTO ATUAL E
FUTURO DE EMPREGO DE FORÇAS TERRESTRES

CAP INF César António Rangel Monteiro

CAP INF João Filipe Pires Xavier

CAP ART Ana Raquel Garção Maurício

CAP INF André Miguel Farinha Bento

Trabalho de Investigação de Grupo do CPOS-E A/S (1ª Edição) 2018/19

Pedrouços 2019



INSTITUTO UNIVERSITÁRIO MILITAR
DEPARTAMENTO DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS

O PAPEL DA HUMINT NO CONTEXTO ATUAL E
FUTURO DE EMPREGO DE FORÇAS TERRESTRES

CAP INF César António Rangel Monteiro

CAP INF João Filipe Pires Xavier

CAP ART Ana Raquel Garção Maurício

CAP INF André Miguel Farinha Bento

Trabalho de Investigação de Grupo do CPOS-E A/S (1ª Edição) 2018/19

Orientador: MAJ INF Carlos Miguel Coelho Rosa Marques da Silva

Pedrouços 2019



Declaração de compromisso Anti plágio

Nós, **César António Rangel Monteiro, João Filipe Pires Xavier, Ana Raquel Garção Maurício e André Miguel Farinha Bento** declaramos por nossa honra que o documento intitulado “O papel da HUMINT no contexto atual e futuro de emprego de Forças Terrestres”, corresponde ao resultado da investigação por nós desenvolvida, enquanto auditores do Curso de Promoção a Oficial Superior – Exército A/S (1ª Edição) 2018/19 no Instituto Universitário Militar e que é um trabalho original, em que todos os contributos estão corretamente identificados em citações e nas respetivas referências bibliográficas.

Temos consciência que a utilização de elementos alheios não identificados constitui grave falta ética, moral, legal e disciplinar.

Pedrouços, 24 de janeiro de 2019

CAP INF César António Rangel Monteiro

CAP INF João Filipe Pires Xavier

CAP ART Ana Raquel Garção Maurício

CAP INF André Miguel Farinha Bento



Agradecimentos

Este trabalho só foi possível pela colaboração direta de diversas personalidades. O esforço, dedicação e empenho, dos auditores que o elaboraram sempre conscientes do desafio que tinham entre mãos, e com as diversas tarefas a executar ao longo do curso foram um teste à capacidade de organização e aos valores militares da disciplina, coesão, e essencialmente ao cumprimento da missão.

Ao Sr. Major Marques da Silva, nosso orientador, pela disponibilidade, camaradagem e incentivo demonstrado no decurso desta “batalha”. As suas dinâmicas e orientações foram preciosas para nos guiar ao longo do desenvolvimento de todo o processo de construção. A confiança depositada e a liberdade foram tónica de responsabilidade, que esperamos conseguir corresponder.

Aos entrevistados, que nos transmitiram as suas experiências, conhecimentos e ideias, permitindo-nos enriquecer o conteúdo deste trabalho, manifestamos o nosso agradecimento:

Ao Exmo. Vice – Chefe de Estado Maior do Exército e Comandante das Forças Terrestres em acumulação de funções, Tenente General Guerra Pereira, pela disponibilidade, camaradagem demonstrada, e partilha do saber, fundamental para o desenvolvimento do estudo.

Ao Sr. Coronel Armando Leitão, pela forma eloquente e bastante afável como nos acolheu e pelos conhecimentos que nos transmitiu.

Ao Sr. Capitão de Mar e Guerra Encarnação Gomes, pela forma entusiasmante como nos recebeu, pela partilha de saber acumulado e preciosa colaboração.

Ao Sr. Tenente-Coronel António Menezes, pela transmissão da sua experiência que contribuiu para a perspetiva enquadrante do tema.

Ao Sr. Tenente-Coronel Carlos Cavaco, pela forma gentil e cordial e pela absoluta disponibilidade como nos apresentou os seus conhecimentos.

Ao Sr. Tenente-Coronel Hugo Rodrigues, pela pronta camaradagem, disponibilidade e incondicional conhecimento, que se revelaram fulcrais para as linhas de desenvolvimento deste trabalho.

Finalmente um especial agradecimento às nossas famílias, pelo incentivo, motivação e compreensão que sempre nos manifestaram ao longo destes últimos cinco meses, em que estivemos mais ausentes.



Índice

Introdução.....	1
1. Caracterização da HUMINT	4
2. O emprego das Forças Terrestres.....	8
2.1 O ambiente operacional	8
2.1.1 Ambiente operacional atual.....	8
2.1.2 Ambiente operacional futuro.....	9
2.2 O emprego das Forças Terrestres em Operações de Estabilização.....	10
3. Análise do emprego da HUMINT em Operações de Estabilização.....	14
4. Conclusões	20
Bibliografia.....	24

Índice de Apêndices

Apêndice A — Entrevista à Entidade A (TGen Guerra Pereira).....	Apd A-1
Apêndice B — Entrevista à Entidade B (Cor FAP Armando Leitão).....	Apd A-4
Apêndice C — Entrevista à Entidade C (CMG Encarnação Gomes)	Apd A-6
Apêndice D — Entrevista à Entidade D (TCor Carlos Cavaco)	Apd A-9
Apêndice E — Entrevista à Entidade E (TCor Hugo Rodrigues).....	Apd A-12

Índice de Figuras

Figura 1 – O Ciclo de Produção das Informações	5
Figura 2 - Ligação entre tarefas primárias e áreas de estabilização	11
Figura 3- Visão holística do ambiente operacional	12
Figura 4 – Processo de Planeamento Operacional (Fase 3 -Análise Operacional)	16

Índice de Quadros

Quadro 1 – Operações Militares conduzidas sobre determinados temas de campanha	11
Quadro 2– Matriz resumo da análise	18
Quadro 3– Matriz dos vetores de análise.....	19



Resumo

Numa sociedade caracterizada por uma evolução constante, por um ambiente operacional volátil e uma ameaça imprevisível e dissimulada, é fundamental explorar ferramentas que possam incrementar o aconselhamento oportuno na tomada de decisão.

Nesta conformidade, sendo as zonas de conflito atuais, áreas densamente povoadas, o elemento humano assume um fator decisivo nas atividades de recolha de informação em operações militares, sendo a *Human Intelligence*, um instrumento essencial a ter em conta no apoio à tomada de decisão militar.

Porquanto, é objetivo desta investigação avaliar como pode a *Human Intelligence* contribuir para a eficiência da conduta das operações terrestres, nomeadamente em operações de estabilização. Para atingir este desiderato, efetuou-se uma investigação baseada num raciocínio dedutivo, apoiado numa análise documental e de conteúdo, complementado com entrevistas a especialistas com experiência operacional. Seguindo um desenho de pesquisa, assente num estudo de caso, foi possível concluir que a *Human Intelligence*, num contexto futuro, poderá assumir um papel relevante no apoio ao desenvolvimento do Ciclo de Produção de Informações. Como principal limitação salienta-se o facto desta disciplina de informações ser redutora, tendo sido inferidas recomendações que permitam utilizar esta disciplina em operações, de forma integrada, para o apoio à tomada de decisão, em operações de estabilização.

Palavras-chave

Ambiente Operacional, Forças Terrestres, HUMINT, Informações, Operações de Estabilização.



Abstract

In a society characterized by steady evolution, a volatile operating environment and an unpredictable and covert threat, it is critical to explore ways that can enhance timely advice on decision-making.

Accordingly, since the current conflict zones are densely populated areas, human element assumes, a notable factor in the activities of collecting intelligence in military operations in which Human Intelligence is an essential tool to be take into account in supporting the military decision-making process.

Thus, this study intends to evaluate how Human Intelligence can contribute to the efficiency of the conduct of land operations, namely in stabilization operations. In order to achieve this aim, an investigation was conducted based on deductive reasoning, supported by a documentary analysis and content complemented with interviews with specialists with operational experience. Following a research design, based on a case study, it was possible to conclude that Human Intelligence will play an important role in future, namely in the development of the Information Production Cycle. As a main limitation, it should be noted that Human Intelligence is a reductive discipline, have being inferred recommendations that allows the resort of this discipline, integrated with others intelligence disciplines, in operations to support decision-making in stabilization operations.

Keywords

Operating Environment, Land Forces, HUMINT, Intelligence, Stabilization Operations.



Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

AO	- Área de Operações
BCT	- <i>Brigade Combat Team</i>
CEMGFA	- Chefe de Estado Maior General das Forças Armadas
CFT	- Comandante das Forças Terrestres
CIM	- Célula de Informações Militares
CPI	- Ciclo de Produção das Informações
C3	- Comando, Controlo e Comunicações
EUA	- Estados Unidos da América
FND	- Força Nacional Destacada
FT	- Forças Terrestres
HUMINT	- <i>Human Intelligence</i>
IMINT	- <i>Imagery Intelligence</i>
MASINT	- <i>Measurement and Signature Intelligence</i>
OE	- Objetivo Específico
OG	- Objetivo Geral
ONU	- Organização das Nações Unidas
OpEst	- Operações de Estabilização
PDE	- Publicação Doutrinária do Exército
QC	- Questão Central
QD	- Questão derivada
TGen	- Tenente-General
TO	- Teatro de Operações
SIGINT	- <i>Signals Intelligence</i>
UE	- União Europeia



Introdução

Informação é crucial. Nunca vá para a batalha sem saber o que pode estar contra si. Aquele que conhece o inimigo e a si mesmo lutará com batalhas sem perder; para aquele que não conhece o inimigo, mas conhece a si mesmo, as chances para a vitória ou derrota serão iguais; aquele que não conhece nem o inimigo e nem a si próprio será derrotado em todas as batalhas. (Sun Tzu, 1974, p.58)

Sun Tzu (1974) referia há 2500 anos atrás, que a posse de informação é fundamental, devendo sempre, qualquer força militar conhecer quer o ambiente, quer o inimigo ou adversário com que se irá deparar, com o objetivo de identificar e compreender o ambiente operacional.

Este trabalho de investigação, subordinado ao tema “O papel da *Human Intelligence* (HUMINT) no contexto atual e futuro de emprego de Forças Terrestres (FT)”, tem como objetivo avaliar a contribuição da HUMINT na eficiência¹ da conduta das operações militares e consequentemente para o cumprimento da missão.

Por conseguinte, e face a um ambiente multidimensional, onde as ameaças² são cada vez mais difusas, considera-se que esta temática revela crucial importância e oportunidade, na medida em que se constitui numa ferramenta de recolha de informações fidedigna e oportuna, que procura de forma incisiva apoiar o comandante na sua tomada de decisão.

Sendo o objeto de estudo a HUMINT, dada a abrangência do tema e os condicionamentos próprios enquadrantes para a elaboração deste estudo, delimitou-se esta investigação, no emprego de FT do Exército, em Operações de Estabilização (OpEst), perspetivando o ambiente operacional, num horizonte temporal até ao ano de 2035, e enquadrado num contexto multinacional.

Nesta conformidade, pretende-se como objetivo geral (OG), avaliar de que modo pode a HUMINT, enquanto instrumento de apoio ao comando, contribuir para a eficiência da conduta das operações terrestres em OpEst.

Considerando a necessária desconstrução do tema, foram gerados os seguintes objetivos específicos (OE):

¹ Chiavenato distingue eficácia de eficiência, considerando que “[...] a eficácia é uma medida do alcance dos resultados, enquanto a eficiência é uma medida da utilização dos recursos nesse processo” (Chiavenato, 2001, p. 196).

² “Qualquer acontecimento ou ação (em curso ou previsível) que contraria ou pode contrariar a consecução de um objetivo, que por norma é causador de danos morais e/ou materiais” (Couto, 1988, p. 329).



OE 1: Caracterizar a HUMINT e compreender o seu contributo para o Ciclo de Produção das Informações (CPI);

OE 2: Caracterizar o contexto atual e futuro do ambiente operacional;

OE 3: Avaliar o impacto da HUMINT nas OpEst.

Neste seguimento, efetua-se uma abordagem materializando estes objetivos, na seguinte Questão Central (QC): De que modo pode a HUMINT, face às condicionantes associadas ao ambiente operacional, contribuir para a eficiência do emprego de FT em contexto de OpEst?

Neste desiderato, e para criar as condições de resposta à QC, formulam-se as seguintes questões derivadas (QD):

QD 1: Como se caracteriza a HUMINT?

QD 2: Como se caracteriza e perspetiva, face ao contexto atual, o ambiente operacional futuro?

QD 3: De que modo pode a HUMINT ser empregue em apoio às FT numa OpEst?

Para responder aos desafios elencados e cumprir os objetivos referidos, a investigação assenta inicialmente, numa revisão de literatura, que se consubstancie, de forma clara e objetiva, numa estrutura concetual, que permita a construção de uma base de conhecimento sólido para o desenvolvimento de todo o trabalho.

O raciocínio adotado nesta investigação segue um racional dedutivo, partindo de conceitos gerais para particulares, com recursos sistemáticos a deduções. As conclusões obtidas surgem de um raciocínio lógico e de premissas, que uma vez aceites se tornam verdades incontestáveis. Esta tipologia de raciocínio destaca o facto de o plano de investigação ser flexível e usar procedimentos interpretativos, de forma a realçar o conteúdo das entrevistas e do estudo de caso.

As entrevistas, do tipo semiestruturadas, foram efetuadas a elementos reconhecidos como especialistas e com responsabilidades operacionais na temática em causa, nomeadamente o Comandante das Forças Terrestres (CFT) e cinco chefes de Células de Informações Militares (CIM), com experiência operacional, englobando os três Ramos. O guião estabelecido, com perguntas e tópicos, permite, não só, a necessária liberdade aos entrevistados, como também assegurar uma linha orientadora, que direcione a reflexão ao encontro dos objetivos delineados. Foram utilizados dois guiões distintos, um direcionado para o TGen CFT e outro para os chefes de CIM.

Quanto à estratégia de investigação, esta assenta essencialmente numa abordagem metodológica qualitativa, tendo por base a caracterização da HUMINT, de forma a



determinar qual o seu contributo no emprego das FT, em OpEst. O método de pesquisa é transversal, com a recolha de dados através de entrevistas, que após análise permitem obter padrões fundamentais para as conclusões.

Inicialmente pretende-se caracterizar a HUMINT, através do seu enquadramento concetual, das suas características e do seu contributo para o CPI, permitindo assim, avaliar a sua importância no decorrer das operações militares. Posteriormente efetua-se uma análise das FT quando empregues em contexto de OpEst. Para tal, importa caracterizar e compreender os fatores associados ao ambiente operacional, onde se desenrolam as operações, incluindo as especificidades ímpares da ameaça, num contexto atual e futuro. Como instrumento de análise para este efeito, assumem-se os dados referidos no *Strategic Trends Programme*, do Ministério da Defesa do Reino Unido, como base para perspetivar e caracterizar o ambiente operacional. Realizado o propósito anterior, estão criadas as condições para refletir sobre o emprego da HUMINT num cenário de OpEst.

Por forma a assegurar uma análise contextualizada e prática de emprego da HUMINT, recorre-se à análise das entrevistas, em conjugação com um estudo de caso, referente à utilização desta disciplina das Informações como principal fonte de pesquisa, por parte da 2ª *Brigade Combat Team* (2ªBCT), no Teatro de Operações (TO) do Iraque. Com base nestas ferramentas, são analisadas, segundo os vetores capacidades, recursos, necessidades e contexto de emprego, as vantagens e desvantagens, identificadas limitações e apresentadas possíveis propostas para apoio à decisão na conduta das operações, por forma a garantir que se cumpram os objetivos propostos, e sejam obtidas as respostas às questões derivadas e central.



1. Caracterização da HUMINT

O termo *Human Intelligence* é de origem anglo-saxónica e, por forma a enquadrá-lo concetualmente, evitando traduções descontextualizadas numa aplicação *ipsis verbis*, deverá esta disciplina das Informações³ ser entendida de forma estrita como: Informações Humanas (Rego, 2014).

De acordo com a doutrina nacional, a HUMINT⁴, constitui-se como uma das disciplinas das Informações, tendo a sua génese no conjunto de meios e sistemas capazes de observar, detetar e registar acontecimentos sobre determinadas condições (EME, 2009).

Para Sun Tzu (1974, p. 293): “[...]a presciência ou previsão não podem ser deduzidas dos espíritos, nem dos deuses, nem por analogia com as atividades passadas, nem por cálculos. Elas devem ser obtidas dos homens que conhecem a situação do inimigo [...]”. Ainda que em tempos distantes, com conjunturas diferentes, mas com similar aplicabilidade, entende-se que no contexto atual a necessidade de interação humana é o desígnio fundamental para a obtenção de informação, detetando ameaças que de outra forma jamais seria possível.

Menezes (2012) refere HUMINT como o método mais antigo de pesquisa de informação, sendo a sua proveniência de fontes humanas e assumindo-se como a disciplina mais eficaz para o desenvolvimento a longo prazo contra o conflito assimétrico⁵. Num ambiente operacional deslocalizado para zonas urbanas, em que a ameaça se confunde e dissimula na população, o fator humano e a sua presença fazem a diferença na pesquisa de informação.

As atividades HUMINT são uma excelente ferramenta de recolha de informação, para obtenção do: quem; o quê; quando; onde; para quê e como uma ameaça planeia atuar. Pode afirmar-se que a HUMINT, do passado ao presente, sempre foi um elemento fulcral no apoio à tomada de decisão de um comandante, tornando-se ainda mais relevante em operações de combate de perfil assimétrico (Mazumadar, 2013).

Segundo Silva (2019) a atividade passiva e ativa de HUMINT utiliza fontes humanas para obter informação credível, que permita ser confirmada por outra tipologia de pesquisa,

³ “[...] produto resultante do processamento de notícias respeitantes a nações estrangeiras, organizações ou elementos, reais ou potencialmente hostis, ou áreas de operações atuais ou potenciais [...]” (EME, 2009, p.6).

⁴ “É a informação obtida de notícias fornecidas por origens humanas [...] para identificar elementos, intenções, composição, potencial, dispositivo, táticas, equipamento, pessoal e capacidades inimigas” (EME, 2009, p.7).

⁵ “Ações conduzidas por atores, estados, quase estados, ou não estados, com vista a ultrapassar ou negar capacidades do oponente [...], utiliza meios não habituais, que ponham em causa valores distintos ou antagónicos [...], empregando capacidades não convencionais ou não ortodoxas, para atingir os seus fins” (Ramalho, 2005).



no sentido de assegurar a um comandante ou decisor, o maior número de informações possíveis para apoio à sua decisão.

Por forma a conseguir o tratamento organizado e estruturado do conjunto de notícias obtidas, surge o CPI, que transforma as notícias em informações. Este ciclo, organiza-se em quatro fases (orientação do esforço de pesquisa, pesquisa, processamento e disseminação), conforme Figura 1, que se articulam para obtenção do produto final. A segunda fase, é onde a HUMINT assume uma maior relevância, nomeadamente no que diz respeito à exploração dos meios (EME, 2009).



Figura 1 – O Ciclo de Produção das Informações

Fonte: EME (2009, p. 3-1)

Menezes (2012, p. 19) considera que “o modelo geral do CPI apresenta várias críticas de onde sobressai a falta de comunicação entre quem procura obter informações e os decisores, principalmente entre a pesquisa e a análise”. Por esse facto, Silva (2018) defende que os passos Orientar, Pesquisar, Analisar e Disseminar devem ser complementados sobre as formas de avaliação e de *feedback* entre os dois intervenientes no processo – analista e decisor. Não obstante ao referido anteriormente, para este estudo consideram-se as quatro fases como base concetual de partida para continuar a análise.

Deste modo, a HUMINT assume-se como elemento central na fase dois (pesquisa). Pela sua proximidade à fonte e pela forma sistemática como mantém as relações, permite a identificação de oportunidades, deliberações e decisões, através da interpretação/percepção de intenções e capacidades do adversário (Sayre, 2004).

É a capacidade de captar intenções que caracteriza vincadamente a HUMINT e a faz distanciar das restantes disciplinas das Informações (**IMINT** – *Imagery Intelligence*; **SIGINT** – *Signals Intelligence*; **MASINT** – *Measurement and Signature Intelligence*). A informação recolhida pela HUMINT, relativa a intenções, composição, dispositivo, táticas, equipamentos e capacidades, é essencial para confirmação e cruzamento com as restantes



disciplinas e assim fornecer ao comandante informação fulcral para a sua tomada de decisão (EME, 2009).

O seu relacionamento direto com a origem, permite à célula HUMINT, o acesso a informação difícil de obter por outros meios. A. Leitão (entrevista presencial, 08 de novembro 2018) identifica que os Estados Unidos da América (EUA), apesar de todos os recursos tecnológicos e humanos disponíveis, no TO do Afeganistão, tinham sob constante observação (à distância) as Forças talibãs, nomeadamente, através da monitorização e registo de treinos, infraestruturas, depósitos de material de guerra, sistemas de armas e os seus canais de reabastecimento, contudo não conseguiam traduzir essa vantagem em ganhos militares. A ausência de contacto humano, não permitiu registar quais as verdadeiras intenções, camufladas por medidas de decepção utilizadas pelos talibãs.

Importa salientar que a HUMINT, através do desenvolvimento de atividades a claro, tais como *debriefing* de patrulhas, ligação com entidades locais, interrogatórios a elementos detidos e interação com agentes não-governamentais, tem a capacidade de obtenção de informação importante sobre Forças assimétricas (Mazumadar, 2013).

Pelos recursos utilizados, HUMINT assume-se como o método de pesquisa privilegiado, sendo o menos oneroso, uma vez que o pilar fundamental da sua atuação (interação humana entre operadores HUMINT e fontes humanas), dispensa a utilização de recursos tecnológicos dispendiosos e permite flexibilidade aos outros métodos de pesquisa (US Army, 2006).

Ainda assim, importa salientar que o elemento de complementaridade e proximidade entre as diferentes disciplinas assume uma base sólida para o sucesso de produção de informações. No que respeita ao emprego de meios, considera-se que a natureza do conflito do TO dita, ou deve ditar, quais as disciplinas que devem ser empregues, sendo que no caso particular da HUMINT, o seu emprego está sempre condicionado ao tempo e à periodicidade dos contactos, bem como ao idioma, à cultura e à morfologia do conflito e da sociedade (Silva, 2019).

A incerteza potenciada pela ameaça e o consequente impacto no ambiente envolvente, são fatores que apresentam ao processo de tomada de decisão desafios constantes na definição e orientação do processo de pesquisa, constituindo-se uma limitação. Para a mitigar, assume relevância uma estrutura de suporte para esta atividade de Informações. Nesse sentido, a estrutura das Informações deverá ser organizada de acordo com a missão. É vital para as Informações que não se negligencie a importância e atuação da HUMINT, pois é uma das técnicas mais capazes para avaliação da situação num determinado lugar e



momento, permitindo confirmar a análise feita por outras técnicas ou identificar novas situações e intenções (NATO, 2013).



2. O emprego das Forças Terrestres

2.1 O ambiente operacional

2.1.1 Ambiente operacional atual

O atual ambiente operacional é caracterizado por um conjunto de condições, circunstâncias e fatores influenciadores que afetam o emprego de Forças militares e influenciam as decisões do comandante. Para além de todos os sistemas inimigos, adversários, amigos e neutrais dentro do espectro do conflito⁶, inclui também o entendimento do ambiente físico, da governação, da tecnologia, dos recursos locais e da cultura da população local. (EME, 2012, p. 1-1)

Para a compreensão do ambiente operacional atual é necessário observar e analisar a atualidade dos diversos contextos associados ao Sistema Internacional. Neste âmbito, identifica-se um conjunto de transformações, a nível local e global que, embora tenham proporcionado condições de progresso e desenvolvimento, têm gerado situações de instabilidade e de conflitos persistentes. Estes conflitos (prolongados no tempo) apresentam características que podem afetar as operações das Forças Terrestres⁷, destacando-se a globalização, tecnologia, alterações demográficas, urbanização, aumento das necessidades de recursos essenciais, alterações climáticas e catástrofes naturais, proliferação de armas de destruição massiva e os estados falhados (EME, 2012).

A volatilidade e difusidade com que a ameaça se caracteriza, salientada no Conceito Estratégico de Defesa Nacional de 2013, carece e subsiste da necessidade de anonimato através da imiscuição e dissimulação entre o normal cidadão, verificando-se uma globalização da ameaça caracterizada pela deslocalização dos conflitos para os centros urbanos (Silva, 2019).

Neste sentido, a evolução tecnológica permitiu o desenvolvimento de meios de obtenção de informação, contribuintes para a produção de informações. Não obstante, e tal como Burton (2005) refere, “[...] por muitos meios tecnológicos capazes de detetar ações, padrões de atuação ou procedimentos hostis, estes nunca permitirão identificar ou compreender as intenções da ameaça”. Nesta conformidade, pode-se inferir que o ambiente operacional a par da ameaça, apresenta particularidades distintas, de acordo com o local, cultura, objetivos, entre outros fatores. De acordo com a PDE 3-00, estas ameaças podem

⁶ “Abrange o nível de violência desde a paz estável até à guerra total. Inclui, nos seus níveis intermédios, a paz instável e a subversão” (EME, 2012, p. 2-1).

⁷ “Forças militares organizadas, instruídas e equipadas em condições de poderem conduzir, por períodos prolongados, operações táticas em ambiente terrestre para ganhar, manter e explorar o controlo sobre o terreno, os recursos e a população” (EME, 2015, p. A-1).



dividir-se em quatro categorias: “tradicionais, irregulares, catastróficas e desestabilizadoras. No entanto, [...] elas são insuficientes para caracterizar os atuais e futuros adversários, uma vez que estes poderão assumir qualquer uma ou todas as categorias simultaneamente, de acordo com as suas intenções” (EME, 2012, p. 1-6).

Tendo em conta estas tendências de mudança, aliadas ao volume, variedade e velocidade com que a informação circula, é possível identificar o aumento da complexidade do ambiente operacional e assim perspetivar o ambiente operacional no futuro (EME, 2012).

2.1.2 Ambiente operacional futuro

“No matter how clearly one thinks, it is impossible to anticipate precisely the character of future conflict. The key is to not be so far off the mark that it becomes impossible to adjust once that character is revealed” (US Army, 2017, p. 1-4).

Conforme a citação anterior, quanto maior a distância temporal a perspetivar, maior será a dificuldade de compreender o ambiente operacional. Todavia, de acordo com a doutrina nacional, o ambiente operacional tornar-se-á cada vez mais complexo e difuso, fruto da evolução da ciência, das tecnologias de informação e transportes, da aceleração da comunidade económica global e do desenvolvimento de uma sociedade em rede, obrigando as Forças militares a prepararem-se para atuar em toda a dimensão do espectro do conflito (EME, 2012; US Army, 2017).

Nesta era de globalização e de evolução tecnológica será expectável que os conflitos se estendam a todas as áreas geográficas do globo e ciberespaço. Com efeito, a maioria das operações militares ocorrerão no seio da população (com exceção do ciberespaço), onde os riscos para combatentes e não combatentes aumentarão substancialmente, sendo que o resultado das operações militares será analisado, cada vez mais, segundo os efeitos provocados na população (M. o. UK, 2017).

Estima-se que em 2035, os atores presentes num conflito sejam em maior número, uma vez que a evolução tecnológica permitirá a outros atores ter acesso a capacidades atualmente acessíveis apenas aos mais desenvolvidos (EME, 2012; M. o. UK, 2014). Face ao exposto, prevê-se que:

[...] os conflitos futuros continuarão a ser marcados por elevadas perdas humanas como resultado da hostilidade entre dois opositores e das suas vontades. No entanto, existe cada vez mais, a noção que os objetivos operacionais serão atingidos não só pelo emprego de meios altamente letais, mas também pela forma mais ou menos célere com que seja atingida e mantida a estabilização da região afetada pelo conflito. O ambiente operacional, para além



de continuar a ser violento, assustador, física e mentalmente esgotante, também será um lugar onde ocorrerão crises humanitárias e conflitos provocados pelas condições ambientais. (EME, 2012, p. 1-5)

Assim, de acordo com Baker (2007, cit. por Silva, 2019, 6ºparágrafo), é expectável que aumente a tendência para que a ameaça se encontre à “porta de nossa casa” ao invés dos desertos do Iraque e do Afeganistão, e que cada vez mais o emprego de Forças militares seja efetuado em ambientes operacionais de cariz urbano, obrigando à adaptação e compreensão da situação onde as operações decorrem.

2.2 O emprego das Forças Terrestres em Operações de Estabilização

O conhecimento holístico do ambiente operacional em que decorrem as operações militares é essencial para o emprego dos meios que um comandante tem à sua disposição, sendo imprescindível a sua análise para o sucesso. Os conflitos desenvolvidos no ambiente operacional tendem a transpor o domínio militar, cabendo contudo, ao Poder Terrestre⁸ “consolidar os resultados no terreno, mesmo quando este não é inicialmente o instrumento decisivo⁹” (EME, 2012, p. 1-14).

O Conceito Operacional do Exército “visa a condução de operações em todo o espetro do conflito” (EME, 2012, p. 2-12), podendo as forças terrestres combinar operações ofensivas, defensivas e de estabilização. “No contexto das operações atuais a nível global, as operações de estabilização assumem um papel tão importante, ou por vezes maior, que as operações ofensivas e defensivas” (EME, 2012, p. 2).

As operações de estabilização englobam uma panóplia de atividades militares efetuadas fora do território nacional, podendo relacionar-se com outros instrumentos de poder¹⁰. As operações de estabilização procuram alcançar um ambiente seguro e estável, definindo-se como operações militares desenvolvidas em tempo de paz, em operações de intervenção limitada e operações de apoio à paz, conforme demonstra o Quadro 1 (EME, 2012).

⁸ Capacidade, através do emprego ou da ameaça de emprego de forças terrestres, para ganhar, manter e explorar o controlo sobre o terreno, os recursos e a população (EME, 2012).

⁹ São exemplos destas ações, os ataques iniciais com fogos de artilharia, caso haja alcance, ou mesmo com ataques aéreos antes das forças terrestres entrarem no terreno, para estabilizarem a situação (M. o. UK, 2017).

¹⁰ “[...] sejam os meios diplomáticos, informacionais, militares e os económicos” (EME, 2012, p.1).



Quadro 1 – Operações Militares conduzidas sobre determinados temas de campanha

TEMAS DE CAMPANHA	EMPENHAMENTO MILITAR EM TEMPO DE PAZ	INTERVENÇÃO LIMITADA	APOIO À PAZ	GUERRA IRREGULAR
OPERAÇÕES MILITARES	<ul style="list-style-type: none">• Eventos e Exercícios de treino multinacionais• Assistência Militar• Intercâmbio de treino conjunto e combinado• Operações de recuperação• Controlo de armamento• Atividades antidroga	<ul style="list-style-type: none">• Operações de evacuação de não-combatentes• Golpes de mão• Demonstrações de força• Assistência Humanitária• Gestão de consequências• Imposição de sanções• Eliminação de armas de destruição massiva	<ul style="list-style-type: none">• Manutenção de paz• Consolidação de paz• Restabelecimento da paz• Imposição de paz• Prevenção de conflitos	<ul style="list-style-type: none">• Defesa Interna de países terceiros• Apoio à subversão• Contra subversão• Combate ao terrorismo• Guerra não convencional

Fonte: Adaptado a partir de EME (2012, p. 2-4)

Por conseguinte, é imperativo que as FT possuam a capacidade de atuar e conduzir operações em todo o espectro do conflito. É por isso que foram desenvolvidas tarefas específicas para as operações de estabilização, de forma a complementar as tarefas focadas apenas nas operações ofensivas e defensivas, conforme se pretende identificar na Figura 2.

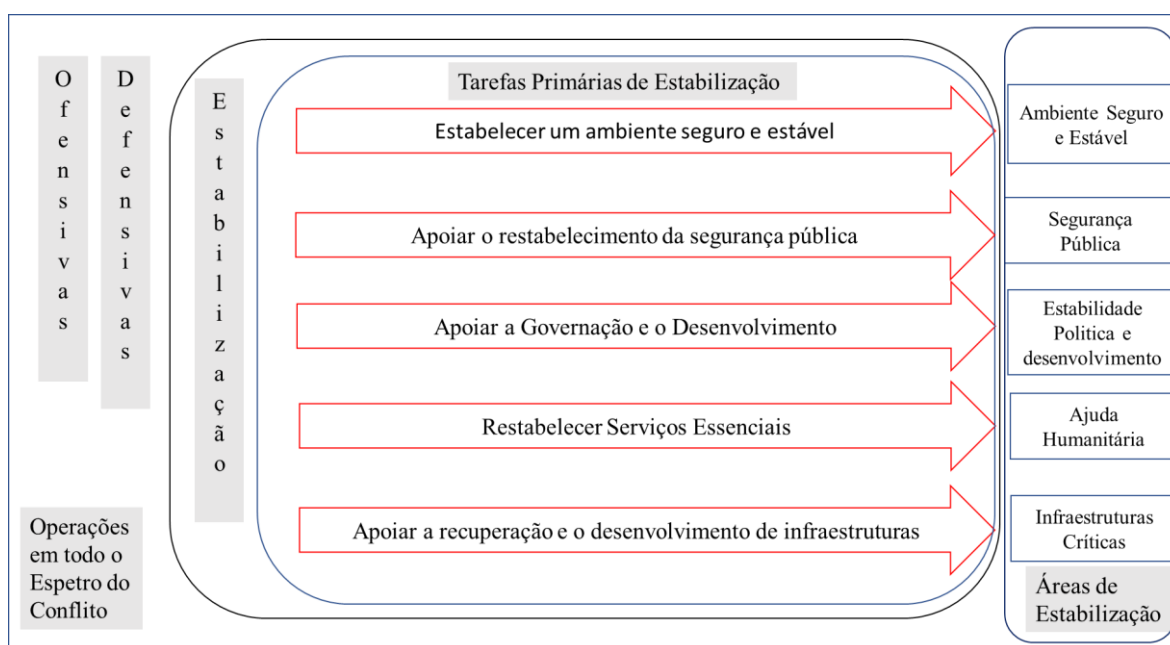


Figura 2 - Ligação entre tarefas primárias e áreas de estabilização

Fonte: Adaptado a partir de EME (2012, p. 8-13)

O esforço da estabilização é realizado por Forças militares e por entidades civis, sendo fundamental a sincronização das atividades que decorrem no âmbito das tarefas de estabilização. Qualquer comandante deve estar ciente que em situações de crise complexas, como é caracterizado o ambiente operacional (atual e futuro), as Forças militares isoladamente, não são suficientes para prevenir ou resolver o conflito (US Army, 2012).

Ao nível militar, um comandante deve articular as finalidades, prioridades e meios, tendo em conta a realidade caracterizadora da região, de modo a encontrar a melhor forma de desencadear os efeitos necessários para, através das tarefas primárias e subordinadas,



passar de uma situação instável para uma situação estável. O comandante necessita de estar constantemente atento a todas as variáveis operacionais¹¹, intrinsecamente ligadas à informação ambiental¹², de modo a alcançar as condições decisivas¹³ (EME, 2012; M. o. UK, 2017).

Para um comandante e o seu estado-maior compreenderem o emprego das FT, é necessário recorrer a uma visão holística do ambiente operacional (Figura 3), que é constituído pelas áreas e fatores físicos e todo o ambiente informacional. É fundamental identificar as condições necessárias para alcançar os objetivos definidos, evitando desta forma, os efeitos que possam afetar a missão e tentando prever o impacto nas Forças amigas, nos adversários e nos atores relevantes (tal como na população local), consubstanciando o estado final desejado (US Army, 2014).

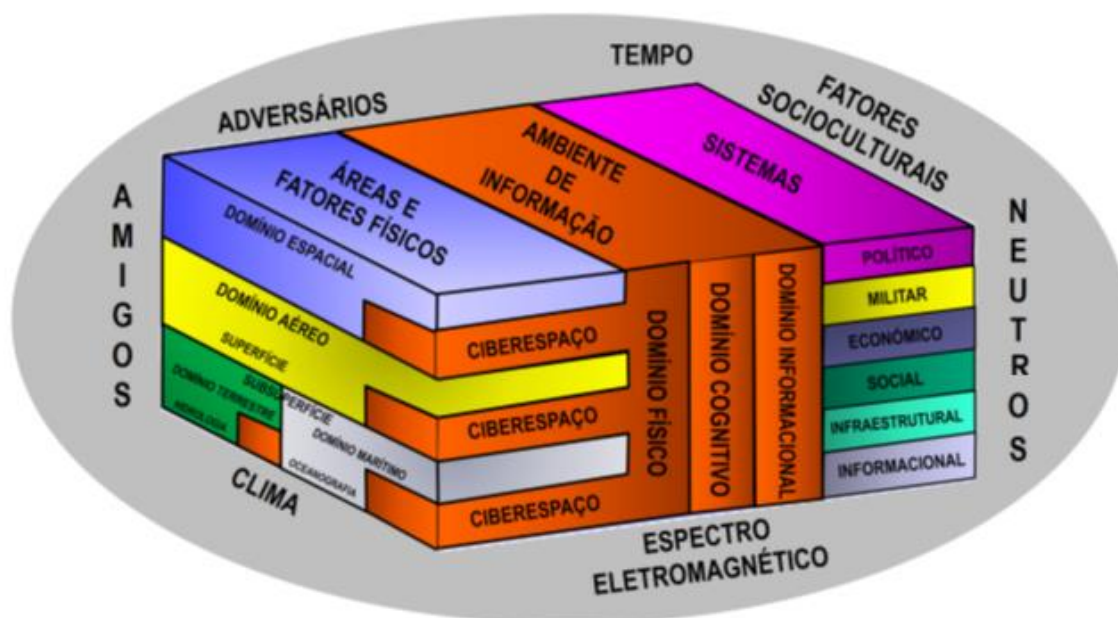


Figura 3- Visão holística do ambiente operacional

Fonte: Rêgo (2018, p. 111)

Segundo C. Cavaco (entrevista por email, 13 de novembro de 2018), os conflitos futuros serão inevitavelmente travados dentro dos limites da grande metrópole, quer à superfície, quer no subsolo, o que trará dificuldades acrescidas ao nível do C3, enaltecendo o papel das Informações, onde a HUMINT se insere. A velocidade de recolha e o seu

¹¹ As seis variáveis operacionais, que se inter-relacionam, são: política, militar, economia, social, informação e infraestruturas (EME, 2012).

¹² Um ambiente composto pelas Informações em si; os indivíduos, organizações e sistemas que recebem, processam e transmitem a informação; espaço cognitivo, virtual e físico em que isso ocorre. Adaptado a partir de M. o. UK (2017, p. 56).

¹³ Condições obtidas quando um objetivo é alcançado pela combinação de várias soluções locais que conduzem a uma estabilidade política (EME, 2012).



processamento terão que ser realizadas rapidamente, pois o fator tempo jogará a favor do adversário.

Não se perspectiva nenhuma fórmula para o emprego das FT, devendo as Forças militares serem versáteis, ágeis e com um elevado nível de treino, para poderem contrariar um adversário, que se vai moldando e evoluindo com o decorrer do conflito. Para auxiliar o comandante neste desiderato, as Informações desempenham um papel fundamental, permitindo reduzir a incerteza e aprofundar o conhecimento relativo às capacidades e intenções do adversário. Destaque para a disciplina HUMINT que, pela sua interação com a população, é uma atividade pertinente no emprego de Forças no âmbito de uma OpEst.



3. Análise do emprego da HUMINT em Operações de Estabilização

Tendo como ponto de partida a QC deste estudo “De que modo pode a HUMINT contribuir para a eficiência do emprego de FT numa Força Nacional Destacada (FND)?”, considerou-se estudar a forma como a 2ªBCT do Exército dos EUA utilizou a HUMINT, como a sua principal “arma” de recolha de informação, para auxiliar o processo de tomada de decisão do comandante e estado-maior, em tempo útil e maximizando a eficiente utilização de recursos humanos e materiais.

Na segunda comissão no teatro do Iraque (a nível *counterinsurgency*¹⁴, em ambiente urbano), a 2ªBCT, enquanto Força vocacionada para a guerra convencional, voltou a sentir dificuldades na recolha e compreensão da informação, não conseguindo alimentar eficazmente o seu CPI (Baker, 2007).

Assim, já no decurso desta comissão, o seu comandante percebeu que a recolha convencional de informação, utilizando as capacidades e equipamentos extremamente evoluídos tecnologicamente (vocacionados para identificar formações, doutrina e treino do inimigo convencional), não cumpriam eficientemente a missão de reconhecer e identificar a principal ameaça no referido teatro, a *insurgency*¹⁵. A utilização desajustada de meios humanos e materiais, face aos ganhos operacionais decorrentes das operações desenvolvidas, salientavam esta lacuna (Baker, 2007).

Foi nesse sentido, que o comandante da 2ªBCT alterou o paradigma e o conceito da recolha de informação no terreno, direcionando o sistema de informações (recolha e processamento) para a disciplina de HUMINT e atribuindo tarefas de recolha de informação, através de fontes humanas, aos seus escalões subordinados. Com esta mudança, ele pretendia estreitar as ligações entre os seus militares e os detentores de informações úteis ou *actionable intelligence*¹⁶. O conhecimento real da situação no terreno traria a este comandante a vantagem operacional, que lhe permitiria utilizar os seus meios, nos locais e no tempo mais ajustados para o cumprimento da missão (Baker, 2007).

Ao alterar o paradigma de uma Força preparada para uma guerra convencional e para a recolha de informação à custa das disciplinas tipicamente convencionais, o comandante da 2ªBCT enfrentou variadíssimos desafios. As principais dificuldades resultantes desta

¹⁴ Ações militares, paramilitares, políticas, económicas, psicológicas e civis levadas a cabo por um governo para derrotar a guerra insurrecional. Adaptado a partir de US Government (2001, p. 102).

¹⁵ O termo “*insurgency*” não existe no léxico nacional, aproximando-se do conceito de guerra insurrecional (Rodrigues, 2009).

¹⁶ Informações que proporcionam aos militares um elevado nível de compreensão da situação, disseminada com rapidez, eficácia e com a oportunidade necessária, para maximizar o potencial da Força, conduzindo ao sucesso da missão. Adaptado a partir de *Institute of Land Warfare* (2005, cit. Por Silva, 2019, 24º parágrafo)



mudança foram: manter a liderança do grupo; a reestruturação na organização e a alteração do treino. Não obstante, estas alterações potenciaram novas ideologias na recolha de informação, que permitiram o aumento da rapidez do tratamento da informação recolhida. Através da obtenção de informação de fontes humanas, a 2ªBCT conseguiu reduzir os danos colaterais e aumentar a confiança da população e a credibilidade da própria missão no território (Baker, 2007).

No presente estudo de caso, verificou-se que o recurso da atividade HUMINT em prol das operações, não serviu apenas para alimentar o CPI da própria unidade, mas também como importante ferramenta de combate à guerra insurrecional, cuja instrumentalização da população, por parte da ameaça, assume um vetor de criticidade elevado. Neste desiderato, assume a proximidade entre militares e população, um elemento mitigador de influência hostil no seio da população. Tendo em conta a difusidade caracterizadora da ameaça anteriormente salientada, importa, pois, para o cumprimento da missão, possuir as valências necessárias que habilitem o militar no terreno, a compreender e identificar o elemento hostil imiscuído na comunidade (Baker, 2007).

A repercussão e o impacto identificado pelo comandante da 2ªBCT na conduta e sucesso das operações, evidencia de forma clara, que as chefias militares devem analisar a estrutura das Forças a projetar, tendo em conta o propósito da missão e o emprego parcimonioso dos recursos disponíveis (Baker, 2007).

Relativamente às entrevistas efetuadas, foi consensual que a HUMINT é uma disciplina das Informações que visa a recolha de dados, de forma sistemática e controlada, maximizando as interações com seres humanos. Estas interações permitem obter informação sobre as ligações, intenções e motivações de um determinado ator. É este vetor, associado à intencionalidade da ameaça, que de forma incisiva a distancia de qualquer outro meio de pesquisa. As atividades HUMINT contribuem para a criação de uma imagem geral e real de uma determinada área (*Common Operational Picture*), concorrendo de forma decisiva para a criação de uma imagem de informações da área (*Common Intelligence Picture*), permitindo assim diminuir a incerteza e fornecer elementos de informação válidos, oportunos e precisos para a tomada de decisão.

Independentemente do nível de detalhe do processo, a HUMINT contribui, de forma decisiva, para o CPI, através da recolha de dados/informação (fase dois) e os seus produtos contribuem para o processamento da informação (fase três). Deve ser trabalhada em consonância e integrada com outras disciplinas, de forma a assegurar não só a redundância de informação como a veracidade da mesma.



Em termos conceituais, C. Cavaco (op. cit) referiu que, a HUMINT garante a sua contribuição em todos os níveis do processo de planeamento operacional (Figura 4), com maior ênfase nas fases um e dois. No entanto, o seu impacto na terceira fase (Estimativa Operacional) depende, em parte, da formulação do problema e da forma como o comandante equaciona a sua resolução. A terceira fase do referido processo, que se divide em duas subfases, permite que na primeira se procure compreender o problema operacional (estabelecendo o que deve ser feito para cumprir a missão). Nessa subfase, a HUMINT contribuirá decisivamente para a compreensão do problema, fornecendo informação valiosa, para a determinação da melhor forma de cumprimento da missão. Na subfase dois, a HUMINT poderá contribuir para formular as modalidades de ação e ajudar na seleção daquela que será executada, através da referida *actionable intelligence*.

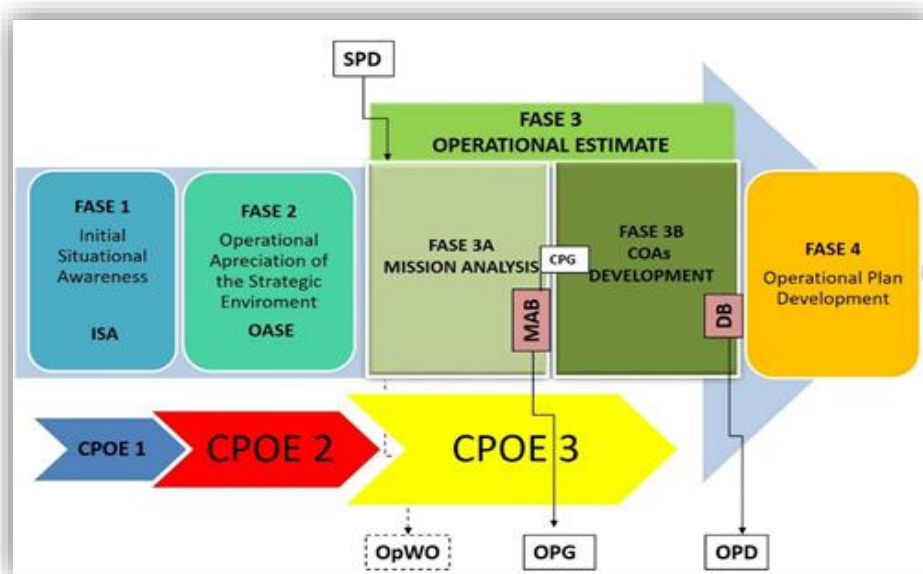


Figura 4 – Processo de Planeamento Operacional (Fase 3 -Análise Operacional)

Fonte: SHAPE (2013, p. 4-4)

Relativamente ao ambiente operacional, os entrevistados (conforme Apêndices A, B, C, D e E) concordam que o ambiente operacional futuro terá que considerar uma panóplia de ameaças, a 360 graus, com potencial para utilização de novas tecnologias (nomeadamente o ciberespaço e o espectro eletromagnético).

No que diz respeito à utilização de uma célula HUMINT num TO, em apoio a uma FND, as respostas dos entrevistados diferem. Por um lado, é defendido que a célula deveria estar inserida na Força (dependendo diretamente do comandante da FND), por outro, que esta estrutura de informações deveria depender diretamente do CEMGFA.

Os entrevistados que apoiam a integração da célula na FND (conforme Apêndices A e E), salientam que um módulo de apoio com capacidade HUMINT, em apoio ao oficial de



informações da Força, iria permitir o auxílio imediato e oportuno ao comandante na sua tomada de decisão. Esta forma de emprego garantiria, na opinião dos mesmos, maior celeridade nas fases um e dois do CPI, uma vez que o número de intervenientes entre a orientação do esforço de pesquisa e a própria pesquisa, seria menor. Neste caso, o comandante da Força solicitaria informação diretamente ao chefe da célula HUMINT, que por sua vez, a transmitiria sem qualquer intermediário.

Noutro sentido, os entrevistados (conforme Apêndices C e D) referem que, o emprego da célula sob responsabilidade direta do CEMGFA, aumenta a contribuição para o processamento da informação (ao nível nacional), mas atrasa, principalmente, as fases da orientação e pesquisa, influenciando ainda a fase da disseminação (maior número de intervenientes até as informações chegarem ao comandante da Força no TO).

Por outro lado, o entrevistado (conforme Apêndice B) menciona que a dependência da célula HUMINT deve ser pensada de acordo com a tipologia da missão, ressaltando que o foco da recolha e processamento da informação deverá ir ao encontro das necessidades do comandante da Força no TO.

Os entrevistados (conforme Apêndices C, D e E), alegam que a utilização desta disciplina não deve ser feita isoladamente e com ambição local, considerando que para este efeito seria uma desajustada utilização de recursos humanos e materiais. Os mesmos, consideram que a projeção de uma CIM, iria assegurar os meios necessários para uma troca de informação direta e segura, entre a nação e a estrutura de informações da organização do teatro. De igual modo, salientam o facto de num contexto de duplo uso, poderem produzir informações táticas e operacionais em proveito das FND e da Nação, como primeira prioridade, garantindo ainda ao respetivo órgão do quartel-general do TO responsável pela gestão das fases do CPI, bem como a possibilidade de detalhar e orientar a resposta aos pedidos de informação dos comandantes presentes nas diferentes Área de Operações (AO).

Estas CIM, segundo os mesmos entrevistados, para além da disciplina HUMINT, devem dispor de outras capacidades, nomeadamente no âmbito da contrainformação (de forma a contrariar a ameaça) e segurança (para poder aconselhar o comandante da FND, ao nível da proteção da Força e da proteção da informação). Paralelamente, para constituir a capacidade de produção de informações, deverá possuir capacidades redundantes (possuindo módulos SIGINT, IMINT, MASINT e uma capacidade mínima de análise). O conceito de célula HUMINT (na opinião destes entrevistados) é demasiado redutor e não serve os interesses nacionais e das Forças Armadas. A tónica deverá focar-se no desenho organizacional e nos processos, não devendo desenvolver-se segundo uma metodologia que



favoreça uma atividade/disciplina específica, garantindo sinergias entre todos os módulos das disciplinas que contribuem para a produção de informações de natureza militar.

De referir ainda que, de acordo com o entrevistado (conforme Apêndice A), atualmente a função de combate Informações está um pouco descurada, sendo necessário recuperar a “Escola de Informações”.

Da análise do estudo de caso em conjugação com as entrevistas (Quadro 2) foi possível inferir um conjunto de considerações, que explanam sucintamente a perspetiva sobre o tema, apresentadas sob a forma de vantagens e desvantagens.

Quadro 2– Matriz resumo da análise

Contributo Entidade	Vantagens	Desvantagens
Estudo de Caso	<ul style="list-style-type: none">• Não necessita de equipamentos tecnologicamente evoluídos;• Aumento da rapidez no tratamento da informação recolhida;• Redução de danos colaterais;• Desenvolve credibilidade e confiança da população;• Capacidade de identificar ameaça insurgente mais facilmente.	<ul style="list-style-type: none">• Dificuldade de mudança (novas ideologias na recolha de informação).
Entidade A (CFT)	<ul style="list-style-type: none">• Contribui para o CPI;• Contribui para a decisão do comandante da Força.	<ul style="list-style-type: none">• Dificuldade de implementação/emprego em determinados teatros.
Entidade B (COR FAP)	<ul style="list-style-type: none">• Permite avaliar riscos;• É a génese da informação;• Permite caracterizar o ambiente operacional.	<ul style="list-style-type: none">• Necessidade de formação, treino e qualificação;• Disciplina insuficiente (necessidade de correlacionar com outras disciplinas).
Entidade C (CMG MAR)	<ul style="list-style-type: none">• Percecionar as intenções e veracidade das informações;• Colaborar para o CPI;• Apoiar a tomada de decisão (desde o nível político ao tático).	<ul style="list-style-type: none">• Disciplina insuficiente (as informações não podem depender apenas da HUMINT);• Necessidade de adaptação ao ambiente envolvente.
Entidade D (TCOR EXE)	<ul style="list-style-type: none">• Maximiza interações humanas e possibilita conhecimento de ligações, intenções entre indivíduos e/ou organizações;• Possibilidade de criação de uma imagem da AO;• Caso tenha capacidade de análise é possível obter e disseminar informações válidas, oportunas e precisas, validando indicadores e alertas mais rapidamente;• Contribuição produtiva e transversal a todos os níveis do processo de planeamento, bem como em todas as fases do processo de planeamento.	<ul style="list-style-type: none">• Capacidade HUMINT redutora.
Entidade E (TCOR EXE)	<ul style="list-style-type: none">• Contribuição para o CPI;• Consegue aceder a informação privilegiada (inacessível por outros meios);• Apoia a decisão do Comandante;• Interação com a população local e entidades governamentais e não governamentais (“sentir o pulso do ambiente operacional”).	<ul style="list-style-type: none">• Disciplina insuficiente, por si só.



O Quadro 3, apresenta as principais considerações, deduzidas da análise do trabalho desenvolvido, segundo os quatro vetores definidos na metodologia.

Quadro 3– Matriz dos vetores de análise

Vetor de análise	Deduções
Capacidades	<ul style="list-style-type: none">• Apoio ao desenvolvimento do CPI;• Celeridade no tratamento da informação;• Contribuição produtiva e transversal em todas as fases de planeamento;• Permite percecionar as intenções e veracidade das informações;• Possibilita a criação de uma imagem global da AO;• Permite aprofundar o conhecimento das capacidades e intenções do adversário;• Permite reduzir a incerteza;• Contribuiu para a redução de danos colaterais;• Garante maior flexibilidade.
Recursos	<ul style="list-style-type: none">• Não necessita de equipamentos tecnologicamente evoluídos;• Assente nas interações humanas.
Necessidades	<ul style="list-style-type: none">• Formação, treino e qualificação específicos;• Adaptação ao ambiente envolvente;• Novas ideologias na recolha de informação.
Contexto de Emprego	Dependente: <ul style="list-style-type: none">• Do teatro de operações;• Da missão;• Da credibilidade da Força;• Da credibilidade da missão;• Da intenção do comandante.

Face ao exposto no quadro anterior, é possível inferir um conjunto de deduções que num âmbito de convergência entre especialistas identificam e justificam a pertinência e contributos da HUMINT em contexto de apoio às operações militares.



4. Conclusões

De forma a estruturar as conclusões, resultantes da análise e reflexão crítica do presente trabalho, importa revisitar o OG definido. Assim, pretendeu-se avaliar de que modo, pode a HUMINT enquanto instrumento de apoio ao comando, contribuir para a eficiência da condução das operações terrestres em OpEst. Este OG foi materializado através da formulação da seguinte QC: De que modo pode a HUMINT contribuir para a eficiência do emprego de FT em contexto de OpEst?

Para responder à QC convergiram três QD, com a finalidade de enquadrar o foco da investigação e evitar a dispersão, procurando-se responder às mesmas ao longo dos capítulos. Neste sentido, foi delineada uma estratégia de investigação qualitativa consubstanciada num desenho de pesquisa transversal, segundo uma metodologia de raciocínio essencialmente dedutivo. No âmbito metodológico, inicialmente foi efetuado um esforço na interpretação de dados recolhidos através da técnica de recolha documental clássica, para construir uma base concetual sólida para o desenvolvimento de todo o trabalho. De forma a complementar esta análise, foram efetuadas entrevistas semiestruturadas, a um conjunto de elementos especialistas, que nos permitiu consolidar e orientar o próprio estudo da temática.

No primeiro capítulo, para responder à QD1, foi efetuada a caracterização da HUMINT, enquanto atividade e disciplina das Informações, permitindo perceber que, quer no passado, quer no presente, a interação entre pessoas, continua a ser um fator preponderante no processo de condução de operações, independentemente das características do ambiente operacional. É neste fator que reside o elemento diferenciador para as restantes disciplinas de Informações, pois, só através das relações com fontes humanas para recolha de informação, conseguimos identificar intenções, perceções e motivações da ameaça.

Neste sentido, é necessário compreender que não se pode negligenciar o papel da HUMINT no CPI nem menosprezar a sua importância no apoio à tomada de decisão do comandante, face ao atual ambiente operacional em que decorrem as operações militares, onde neste particular, importa relevar o *modus operandi* da ameaça, no que à difusidade diz respeito. Assim, apesar da especificidade associada à HUMINT e a referida pertinência de emprego no apoio à condução das operações, é de salientar que o elemento de complementaridade e proximidade entre as diferentes disciplinas das Informações assume uma base sólida para o sucesso de produção de informações.



No segundo capítulo, para responder à QD2, inicialmente analisou-se o contexto atual e futuro do ambiente operacional, permitindo verificar que o ambiente operacional tornar-se-á cada vez mais complexo e difuso, fruto da evolução da ciência, das tecnologias, da aceleração da comunidade económica global e do desenvolvimento de uma sociedade em rede. Paralelamente, foi desenvolvido um corpo de conceitos relacionados com o emprego das FT em OpEst, que assegurasse de forma sólida um ponto de partida para a prossecução deste estudo nos capítulos seguintes.

No terceiro capítulo, para responder à QD3, efetuou-se a análise de um estudo de caso, em conjunto com as entrevistas, que permitiu perceber que a HUMINT pode ser empregue em apoio às FT numa OpEst, diretamente inserida na Força (em apoio à tomada de decisão do comandante da mesma), ou sob a dependência direta do CEMGFA. A forma de integração da HUMINT com a FND tem implicações no desenvolvimento do CPI. Esta capacidade inserida na Força garante maior celeridade na orientação do esforço de pesquisa e na pesquisa (fases um e dois do CPI), enquanto que o emprego da célula sob responsabilidade direta do CEMGFA aumenta a contribuição para o processamento da informação (fase três do CPI), concorrendo para o CPI nacional, mas atrasa as fases um, dois e quatro.

De acordo com os dados recolhidos, em resposta à QC, a HUMINT desempenha um papel muito importante na recolha de informação, contribuindo para o desenvolvimento do CPI. Contudo não é suficiente para alimentar todo o processo, pelo que deve ser acompanhada por outras disciplinas das Informações. A conjugação e processamento de todos os dados permitirá construir uma imagem geral do problema, que poderá ser determinante para a tomada de decisão do comandante, desde o nível político ao tático e, conseqüentemente, para o sucesso da missão.

É importante realçar que a disciplina de recolha de informação HUMINT, pelas suas características peculiares, que lhe permitem obter uma tipologia de informação que mais nenhuma disciplina consegue, contribui de forma significativa para a eficiência do emprego de FT em contexto de OpEst. Esta célula, que não necessita de equipamentos tecnologicamente evoluídos, contribui para a celeridade no tratamento da informação recolhida e garante uma contribuição produtiva e transversal a todos os níveis do processo de planeamento, bem como em todas as fases do mesmo.

Esta disciplina das Informações permite percecionar as intenções e veracidade das informações, possibilita a criação de uma imagem global da AO e, caso tenha capacidade de análise, permite obter e disseminar informações válidas, oportunas e precisas, validando indicadores e alertas mais rapidamente do que as outras disciplinas de Informações.



A HUMINT potencia as interações humanas (com a população local e entidades governamentais e não governamentais), o que possibilita um maior conhecimento das ligações e intenções entre indivíduos, atores ou organizações. Desenvolve a credibilidade da Força e a confiança da população na execução das suas operações, permitindo “sentir pulso do ambiente operacional”.

Além disso, a HUMINT consegue aceder a informação privilegiada (inacessível por outros meios) e dispõe da capacidade de identificar a ameaça insurgente mais facilmente, contribuindo para a redução de danos colaterais.

Contudo, a importância da HUMINT, varia muito de acordo com o tipo de operação (não apenas a missão desenvolvida, mas também o teatro, a credibilidade da Força e da própria missão, a confiança da população, etc.) e da forma como o comandante percebe o problema e o modo como o pretende resolver.

No ambiente operacional (atual e futuro), caracterizado pela complexidade e incerteza, a capacidade de decisão deve ser estimulada desde os mais baixos escalões, obrigando a que os comandantes, em qualquer escalão, tenham a competência para planear e atuar de forma flexível, procurando a adaptação constante à evolução da situação. Para isto é decisivo o contributo das informações, uma vez que permitem aprofundar o conhecimento das capacidades e intenções do adversário e, assim, reduzir a incerteza.

Apesar de inúmeras vantagens, a HUMINT apresenta algumas limitações, nomeadamente a necessidade de uma adaptação ao ambiente envolvente, o que dificulta o seu emprego em determinados teatros, a necessidade de formação, treino e qualificação específicos e a necessidade de implementar novas ideologias na recolha de informação. Contudo, por todas as suas capacidades, a HUMINT deve ser considerada um potenciador da eficiência do emprego de FT em contexto de OpEst, devendo esta ser integrada com outras disciplinas das Informações.

Tendo em referência o supramencionado, recomenda-se que a capacidade HUMINT seja potenciada no emprego das FT em OpEst. Esta deve estar inserida numa célula (com outras disciplinas de recolha de informação e com capacidade de processamento da mesma), de modo a permitir o desenvolvimento de todo o CPI no próprio TO. Tal capacidade deve ser, tanto quanto possível, conferida aos mais baixos escalões, para que possam também eles contribuir para a eficiência da recolha de informação.

De realçar que, encontrando-se a função de combate Informações descurada, é fundamental melhorar esta valência, uma vez que apenas a sinergia e integração de todas as funções de combate permitem alcançar a eficiência no cumprimento da missão.



Como principal limitação, não foi possível aceder ao relatório final da missão desenvolvida, em 2002, no TO de Timor, onde foi empregue a HUMINT (situação nacional) num cenário de OpEst, o que permitiria complementar o estudo de caso (situação americana) e as entrevistas desenvolvidas. Seria igualmente importante entrevistar o comandante da referida Força, bem como os elementos que desenvolveram a capacidade HUMINT neste teatro, de forma a: perceber qual o contributo da HUMINT para a referida OpEst; identificar as vantagens e desvantagens da sua utilização; detetar eventuais lacunas e a analisar possíveis propostas para operações futuras, através da experiência dos militares. Este segundo ponto, para além de uma limitação a este trabalho de investigação, constitui-se também uma recomendação para trabalhos futuros, de forma a aprofundar o presente estudo.



Bibliografia

- Baker, R. (2007). *HUMINT – Centric Operations: Developing Actionable Intelligence in the Urban Counterinsurgency Environment*. US: Military Review.
- Burton, F. (2005). *Stratfor worldview*. Retrieved from <https://worldview.stratfor.com/article/problema-humint>.
- Chiavenato, I. (2001). *Teoria Geral da Administração (Volume I)*. Rio de Janeiro: Campus
- Fachada, N. R. (2019). *IUM Atualidade* (Número 7 (2ª ed ed.)). Lisboa: IUM.
- EME. (2009). *PDE 2-00 Informações, Contra-Informações e Segurança*. Lisboa: exército Português.
- EME. (2012). *PDE 3-00 Operações*. Lisboa: Exército Português.
- EME. (2015). *PDE 3-01-00 Tática das Operações de Combate (Vol I)*. Lisboa: Exército Português.
- Michael, H. (1996). *Intelligence Power in Peace and War*. UK: Cambridge University Press
- Clark, R. (2007). *Intelligence Analysis*. US: CQ Press.
- Santos, L., Garcia, F., Monteiro, F., Lima, J., Silva, J., Silva, N.,...,Afonso, C., (2016). *Cadernos do IESM N°8*. Lisboa: IUM.
- Mazumadar, K. (2013). *HUMINT-Centric Operations ES2*. West Bengal: RIEAS Publications.
- Menezes, A. (2012). *Sistemas de Informações Nacionais – Contributos para a perceção da eficiência*. Lisboa: ISCTE.
- NATO. (2013). *AJP - 2.3 Allied Joint Doctrine for Human Intelligence*. Bruxelas: NSA.
- NEP/INV - 001. (2018). *Trabalhos de Investigação*. Lisboa: IUM.
- NEP/INV - 003. (2018). *Estrutura e Regras de Citação e Referenciação de Trabalhos Escritos a Realizar no Depg E Cisd*. Lisboa: IUM.
- Ramalho, P. (2005). Revista militar. Obtido de <https://www.revistamilitar.pt/artigo/223>
- Rego, H. (2014). *A Inteligência dos Estados*. Retrieved from <https://www.repository.utl.pt/bitstream>
- Rêgo, N. (2018). *As Informações na NATO - Contextualização de um Choque Doutrinário e Estrutural*. Revista de Ciências Militares, pp. 105-133.
- Rodrigues, J. (2009). *"Insurgência" ou "Subversão"? Contributos para a Compreensão e Enquadramento Actual*. Lisboa, Portugal.
- Sarmiento, M. (2008). *Guia Prático sobre a Metodologia Científica*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.



- Sayre, M. (2004). *Some Principles of Human Intelligence and Their Application*. Kansas: *School of advanced Military Studies*
- SHAPE. (2013). *Comprehensive Operations Planning Directive*. Bélgica: Supreme Headquarters Allied Powers Europe.
- Silva, C. (2019). *HUMINT do conceito ao emprego militar*. Manuscrito por publicar.
- Silva, C. (2018). *As Informações Militares - Um Instrumento de Segurança e Defesa Nacional*. Pedrouços, Lisboa: IUM.
- Sun Tzu. (1974). *A Arte da Guerra*. Lisboa: Edições Silabo
- UK, M. o. (2014). *Future Operating Environment 2035*. UK: Ministry of Defense.
- UK, M. o. (2017). *Future Force Concept*. UK: Ministry of Defense.
- US, Army. (2012). *ADRP 3-07 Stability*. USA.
- US, Army. (2014). *Joint Intelligence Preparation of the Operational Environment*. USA.
- US, Army. (2006). *FM 2-22.3 Human Intelligence Collector Operations*. USA.
- US, Army. (2017). *ADP 3-00 OPERATIONS*. USA.
- US, Army. (2017). *FM 3-0 Operations*. USA..
- US, Government. (2001). *Joint Publication 1-02*. Washington.
- Vieira, R. (2018). *As Informações Militares - um instrumento de Segurança e Defesa Nacional*. (C. M. Silva, Entrevistador)



Apêndice A — Entrevista à Entidade A (TGen Guerra Pereira)

Nome: Rui Davide Guerra Pereira

Posto: Tenente-General

Cargo/Função: VCEME/CFT

Data: 13nov18

Tipo de entrevista: Presencial

Local: CFT - Amadora

Pergunta 1 - Podendo ordenar pelo grau de importância que atribui a cada função de combate, em que lugar colocaria a função de combate INFORMAÇÕES? Porquê?

Resposta 1 - Devemos começar por olhar para a organização das funções de combate e compreender a sua importância em estreita ligação com a tipologia de Forças, sejam elas ligeiras, médias ou pesadas. Depois, devemos olhar para as estruturas. Sendo importante clarificar que as funções de combate estão num nível superior em relação às estruturas.

Todas as funções de combate concorrem para a missão. Nenhuma é mais importante. Contudo, dependendo do tipo de operação, podemos ter a necessidade de trabalhar mais umas do que outras. Numa perspetiva de Operações de Estabilização eventualmente, podemos tirar relevância aos fogos. Mas, sem informações é que é de todo impossível realizar um bom planeamento e, por conseguinte, executar a missão. Portanto, em sumula pode-se afirmar que só executamos operações se todas as funções de combate estiverem a funcionar.

Pergunta 2 – Das várias disciplinas das informações (HUMINT, IMINT, SIGINT e MASINT) qual ou quais considera mais importante/fidedigna? Porquê?

Resposta 2 - Depende essencialmente do teatro, pois a segurança da equipa HUMINT deve ser pensada e por vezes poderá ser crítico retirar militares da força para desempenhar a tarefa de proteção da força. Por exemplo, na RCA, não há condições para realizar HUMINT, exatamente porque não há proteção/segurança para essa equipa. A população não aceita o contacto porque está pressionada/observada pelas guerrilhas, e tem claramente medo das repercussões de se envolver com a força no terreno.

Noutro TO como é o caso do Afeganistão, não há razão para uma equipa HUMINT. A responsabilidade dessa FND cinge-se a segurança dentro do aeroporto e uma vez que estão restringidos a esta área, não faz sentido haver uma equipa HUMINT.

Devemos considerar dois fatores importantes para esta vossa pergunta:

- 1) Teatro de Operações
- 2) Capacidade das nossas tropas de desenvolver as valências.



Precisamos de recuperar a escola de informações, usando como base, um manual de informações e técnicas de EM e um Inimigo conhecido. Devia inclusive haver reuniões periódicas entre S2 das unidades dependentes do CFT para recuperar a escola de informações.

Mas, mesmo com as limitações identificadas, as informações não são mais importantes do que as outras funções de combate, mas temos muito trabalho ainda a desenvolver.

Pergunta 3 –No quadro de emprego das FND considera importante a projeção de recursos HUMINT? Em que medida considera este recurso importante no desenvolvimento do combate?

Resposta 3 - Sim é importante. Na RCA, foi reforçada a célula de informações a par da proteção com o reforço de 6 PANDUR.

Mas acima de tudo, a composição e articulação da força em operações, hoje em dia tem de ser feita por funções de combate. Mas mais uma vez a importância das funções de combate está diretamente relacionada com o teatro e a força. Não sendo linear dizer que as informações é a mais importante. Depende!

Pergunta 4 –De que modo entende que a HUMINT pode contribuir para a eficiência das operações conduzidas por uma FND em Op Est?

Resposta 4 -Pode contribuir de forma muito significativa. Tal como já referido, sem informações é difícil planear e, por conseguinte, executar. É difícil inclusive desenhar a Força adequada para a missão, veja-se o caso da RCA em que a força está agora a ser reforçada.

Pergunta 5 – Como perspectiva a utilização de uma célula HUMINT num TO, em apoio a uma FND (inserida na Força ou dependente do CFT, em apoio direto à Força)?

Resposta 5 – Acima de tudo temos de analisar duas vertentes importantes para a utilização de células de informações, se vamos contribuir com HUMINT para o comando da operação ou se vamos contribuir para o interesse nacional e aqui não há dúvida, deve estar integrada a célula dentro da força. Desta forma, a célula responde para a unidade de comando. A força deve ir para o teatro organizada de acordo com a missão que irá executar.

Pergunta 6 – De que forma perspectiva o ambiente operacional no futuro? Haverá alterações no emprego das FT?

Resposta 6 – O ambiente operacional futuro vai ter certamente duas características em destaque. A primeira será a utilização da tecnologia, a segunda, será a ativação em áreas urbanas. Perspetiva-se que pela influência destes fatores, caminhamos para uma procura do subterrâneo, para conferir proteção as células de planeamento e postos de comando. Não



vamos no futuro olhar apenas para o que está à superfície. Para o desenvolvimento das operações, não vai ser suficiente, controlar o terreno. Portanto, haverá alterações ao ambiente operacional não esquecendo que esta análise é feita com os dados atuais.

Pergunta 7– De acordo com a sua experiência em operações, considera que a presença de conhecimento e recursos HUMINT no teatro, o fariam alterar o processo de tomada de decisão?

Resposta 7 – Considero que sem dúvida teria sido um contributo importante, mas não sei se com peso suficiente para alterar uma decisão operacional. O comandante deve ter todos os mecanismos disponíveis para a tomada de decisão.



Apêndice B — Entrevista à Entidade B (Cor FAP Armando Leitão)

Nome: Armando de Jesus Marques Leitão

Posto: Coronel

Cargo/Função: Comandante do Campo Tiro de Alcochete

Data: 08nov18

Tipo de entrevista: Presencial

Local: Alcochete

Pergunta 1 - No seu entender, quais as capacidades da HUMINT?

Resposta 1 - Fazer uma interpretação nua e crua das capacidades da HUMINT é um bocado relativo e temos de considerar o teatro operações e o objetivo. Nesta área, a qualificação é fundamental (considerando que há a formação, treino e a qualificação) se não houver qualificação o desempenho é altamente limitado. Deve, portanto, ser considerado como é que se obtém essa qualificação? Inicialmente é precisa muita formação e depois treinar. A nível nacional fazemos esse treino, com exercícios conjuntos, como é o caso dos Fuzileiros, aos quais era atribuída uma célula, estas estavam a dirigir esforços a trabalhar as técnicas e os procedimentos. Na prática, do que eu pude experienciar no Afeganistão, a HUMINT não tem nada a ver com os Ramos. Os países ocidentais, são muito bons na HUMINT como é o caso dos romenos e dos búlgaros, porque é algo que lhes está sempre presente. No limite pode até ser considerado espionagem, uma vez que o que se está a fazer é coletar informação. Assim as capacidades HUMINT, tal como o nome indica, baseiam-se em pessoas, o fator humano é a génese de tudo.

Pergunta 2 - Qual a contribuição da HUMINT para o Ciclo de Produção de Informações?

Resposta 2 - Eu considero que a HUMINT nas FT não é importante, é fundamental. Eu próprio fui utilizador do produto da HUMINT que as FT conseguiram obter no Afeganistão. Eu tinha um papel muito específico, a CIM tinha a obrigatoriedade de contribuir para a Force Protection no que toca informações de segurança. De forma metafórica, o que se fazia era monitorizar o radar e sempre que se identificasse uma potencial ameaça, edificar as medidas adequadas, ou passá-las a Force Protection, p. ex. “amanhã não é um bom dia para sair”, “não vão por essa estrada”.

Sendo a HUMINT a base, o início da produção da informação em Operações com forças terrestres corresponde a 80 % ou mesmo 100% da informação recolhida. É a génese da informação.

Do que se tem presenciado na atualidade, verifica-se que em tempo de paz a melhor fonte de HUMINT são os adidos.

Pergunta 3 - Qual o impacto que poderá ter a HUMINT numa Operação de Estabilização?

Resposta 3 - É muito importante para qualquer operação militar. Funciona em jeito de comparação quase como uma radiografia do ambiente operacional. Numa operação militar, o terreno é o primeiro fator a ser analisado e que nos vais caracterizar o ambiente. É fundamental antes de nos deslocarmos para o TO.

Pergunta 4 - Entende que o ambiente operacional num futuro próximo será (muito) diferente do atual?



Resposta 4 - Já está a ser diferente. Contudo existem coisas idênticas, mas verifica-se que ao longo dos tempos quer pela evolução tecnológica, quer pela mudança das características do campo de batalha e da evolução das TTP's, as perceções foram mudando.

Veja-se o exemplo das Fake News (guerrilha / lançar panfletos), que moldam consciências. Basicamente pode-se dizer que o ambiente operacional é cíclico, verificam-se os mesmos fenómenos, mas com “roupagem diferente”.

Pergunta 5 - Como perspetiva a utilização de uma célula HUMINT num TO, em apoio a uma FND (inserida na Força ou dependente do CFT, em apoio direto à Força)?

Resposta 5 - Depende da missão. Mas, creio que podemos arranjar de acordo com as experiências e evolução dos conceitos doutrinários uma fórmula de equilíbrio que poderá ajudar a perceber a posição de uma célula HUMINT: Ameaça = Intenção x Capacidade x Oportunidade. Sendo que a HUMINT trabalha essencialmente os vetores da Intenção e da Capacidade.

Acima de tudo temos de adaptar os recursos humanos e materiais aos teatros. Não se pode ir fazer HUMINT com viaturas de combate. Esta capacidade de adaptação é fundamental para um processo de aquisição de informação junto da fonte e desta forma levar a informação recolhida ao comando da Força no TO, sendo ele quem mais precisa dela. Sem filtros e sem perdas de tempo para que não perca inadvertidamente a sua validade entre processos burocráticos e interpretações difusas por *outsiders* do teatro.



Apêndice C — Entrevista à Entidade C (CMG Encarnação Gomes)

Nome: Pedro José Xavier Matos Encarnação Gomes **Posto:** Capitão de Mar e Guerra
Cargo/Função: Chefe da RCI da DCSI do EMGFA **Data:** 09jan19
Tipo de entrevista: Presencial **Local:** CISMIL - Lisboa

Pergunta 1 - No seu entender, quais as capacidades da HUMINT?

Resposta 1 - A HUMINT desempenha um papel muito importante na recolha de informação, por isso, deve ser considerada uma mais valia. Considero que a recolha de informação pode estar dependente da equipa de HUMINT. Esta, juntamente com as restantes disciplinas das informações, contribui para alimentar o ciclo de produção das informações.

Pergunta 2 - Qual a contribuição da HUMINT para o Ciclo de Produção de Informações?

Resposta 2 - Sendo a HUMINT uma das múltiplas disciplinas das Informações, é que a versa sobre a capacidade de recolher – Dados (futuras Informações) de Fontes Humanas, havendo como condição essencial para qualquer conflito (tal como os conhecemos) a existência do ser humano há e haverá sempre em maior ou menor grau a necessidade de contributos e dados passíveis de serem recolhidos pela HUMINT de fontes humanos para a produção de Informações e daí, do contacto direto se extrai a sua sensibilidade.

Idealmente não deverá estar isolada das outras capacidades, disciplinas de Informações.

Contudo, importa reter que o ambiente operacional condiciona/limita em elevado grau toda esta capacidade, bem como se pode confundir o que é que a HUMINT faz, a ex: uma interceção de uma comunicação, transmissão, mensagem, email, telefonema não é HUMINT – porquanto não nos dá o contacto com o fator humano, a capacidade de se perceber das intenções e da veracidade do elemento que se recolheu.

Por outras palavras, a HUMINT é uma fatia, com amor ou menor protagonismo, dependência, dos serviços e capacidades que alimentam todo o ciclo de produção de Informações. Este protagonismo e importância está pendente de inúmeros fatos intrínsecos da missão, do ambiente, do idioma, da cultura, da experiência dos seus elementos etc...

Pergunta 3 - Qual o impacto que poderá ter a HUMINT numa Operação de Estabilização?

Resposta 3 - Tem que ser durante um longo período de tempo. HUMINT é fundamental. Deveram ser considerados dois fatores importantes no papel da HUMINT num Teatro de Operações. Primeiro a capacidade de apoio da célula HUMINT, deverá estar adaptada à força e de acordo com as intenções e necessidades de informação do Comandante. Segundo, é necessário atender ao ambiente operacional. Verifica-se que em alguns teatros a população por estar sob vigilância ou ameaças de grupos armados, retrai-se quando a força no terreno tenta uma aproximação. Creio que a ideia é que sem dúvida, a HUMINT tem um papel importantíssimo a desempenhar no apoio à tomada de decisão e por certo na execução das operações.

Pergunta 4 - Entende que o ambiente operacional num futuro próximo será (muito) diferente do atual?



Resposta 4 - O ambiente operacional futuro não será muito diferente, mais complexo, multiplicidade de intervenientes e influenciadores, o que causará uma maior limitação e restrição de ações e intervenção. O que impõe que as intervenções e atividades nos teatros deveriam deixar de ser índole “amadora”.

Pergunta 5 - Como perspectiva a utilização de uma célula HUMINT num TO, em apoio a uma FND (inserida na Força ou dependente do CFT, em apoio direto à Força)?

Resposta 5 - Direto à questão, perspetivo que uma célula de HUMINT, ou uma equipa de HUMINT, deverá ser sempre empenhada no Teatro de Operações como parte integrante de uma CIM – Célula de Informações Militares, sob Comando Direto de CEMGFA – (OPCON do CISMIL). Uma capacidade de Informações é e será sempre uma capacidade nacional debaixo de comando nacional, e pela legislação é do CEMGFA, sob proposta de CISMIL. Uma capacidade de Informações inserida ou subordinada a uma Força violaria este princípio universal (doutrinário) porquanto o comando ou controlo da força é atribuído a um *Force Commander*.

A ser empregue nunca deverá ser isolada, nem dependente da força que direta ou indiretamente apoio/apoiará.

Poderá uma célula/equipa de HUMINT, estar autónoma num teatro e em apoio Direto ou Indireto a uma Força? Sim, mas como capacidade isolada não, a legislação não permite e seria sempre redutor e limitador nas suas capacidades.

Esta questão é de facto bastante pertinente e causadora de inúmeros debates, discórdias e descoordenações, que estão relacionadas com questões conceptuais.

Factos:

- Uma célula /equipa HUMINT empenhada num qualquer TO, é e será sempre um meio e uma capacidade de Pesquisa/Recolha de informações (Doutrina);

- Uma força/FND tem uma missão e salvo as exceções de se tratar de uma Célula de Informações militares, ou de uma unidade de reconhecimento (Avançada ou de OE), ela (a missão) não é nem será de recolha / pesquisa de Informações. Pode e deve reportar todos os dados que obtenha, com vista a colaborar no Ciclo de produção de Informações militar Nacional (Doutrina);

- O CFT não tem ou concetualmente não deverá ter o exercício do comando de uma FND, compete ao CEMGFA através do CCOM, e pela reduzida experiência que possuo, mesmo que esta tarefa seja delegada no CFT a capacidade real e em tempo para este exercício é limitada (Legislação e Doutrina);

- Por incapacidade, negligência, desconhecimento, interesse ou mesmo lapso, e devido à existência de um vazio de capacidade (inexistência de CIM's), tem-se observado que as Forças quando empenhadas, tentam criar uma capacidade embebida e dissimulada de informações quando projetadas (Percepção);

- A minha experiência diz-me que há uma grande confusão de conceitos entre J2/CIM's/Centros de Análise e Centros ou Serviços de Informações/Unidades de Informações/Equipas de HUMINT, de CI de todas as outras INT's. É esta ignorância, confusão, o litígio de intenções e de percepções, de doutrinas, de enquadramentos, de interesses que originam e causam a situação em que as Informações Militares se encontram, em que, na minha opinião que deve fazer não faz e não deve fazer nem tem essas capacidades e competências tenta fazer porque sente que necessita (Percepção);



Em suma, sou apologista e defensor, tal como acontece com todas as nações e países que empregam forças, de que não se poderá ter forças militares (em operações ou não) sem que existam informações militares. São as informações que nos, e aos, diferentes níveis vão auxiliar e apoiar a tomada de decisão, quer ao nível político se emprega ou não meios e forças, bem como quando da sua retração quer num nível mais tático no planeamento direto e por vezes durante a execução (Doutrina).

Considero também que todo e qualquer militar é, e tem o dever de ser, uma fonte de Informação (dados), portanto tem olhos, tem ouvidos e tem perceções. Uma fotografia, um vídeo (inocente) pode ser potencial “furo” de Informações após analisado, essa capacidade não pode, nem consegue estar residente numa força. Há todo um histórico, repositório de dados, experiências e conhecimentos que é impossível replicar com exatidão numa força (Doutrina).

Tenho por hábito, dar o exemplo que bem conheço da Marinha, em que às forças, unidades navais e seus elementos são dadas instruções para reportar sobre uma série de coisas (um plano de pesquisa), bem como relatar algo que considerem fora de padrão e ou com potencial interesse (Experiência).



Apêndice D — Entrevista à Entidade D (TCor Carlos Cavaco)

Nome: Carlos Manuel Machado Narciso Cavaco

Posto: Tenente-Coronel

Cargo/Função: J2/EUTM

Data: 13nov18

Tipo de entrevista: Não presencial (email)

Local: Somália

Pergunta 1 - No seu entender, quais as capacidades da HUMINT?

Resposta 1 - O HUMINT é uma disciplina de informações que maximiza as interações com seres humanos (fontes ou contatos) de forma a recolher dados de forma sistemática e controlada. As referidas interações possuem a capacidade de fornecer informações sobre as ligações, intenções e motivações de um determinado ator e permitem estabelecer ligações entre indivíduos e/ou organizações. As atividades ligadas ao HUMINT envolvem a coleta, a análise e a produção de relatórios integrando-os de forma a contribuir para a criação de uma imagem geral real de uma determinada área (*Common Operational Picture*). A contribuição obtida através dos produtos de informações desta disciplina concorrem de forma decisiva para a criação de uma imagem de informações da área (*Common Intelligence Picture*) o que permite diminuir a incerteza e fornecer elementos de informação válidos, oportunos e precisos (*actionable intelligence*) ao decisor (de forma a conduzir operações militares bem-sucedidas) validando indicadores e alertas.

Pergunta 2 - Qual a contribuição da HUMINT para o Ciclo de Produção das Informações?

Resposta 2 - O ciclo de produção de informações é um processo que foi criado na primeira metade do século XX para compreender e organizar as múltiplas atividades contidas na produção de Informações (é útil como uma ajuda para compreender as inter-relações que existem entre as várias fases). O processo de produção de informações pode não incluir o ciclo completo e não há separações fixas entre cada etapa (passo) do ciclo e não existe a obrigatoriedade de definir onde começa e termina. Para a NATO o ciclo possui apenas quatro fases (Orientação do esforço de pesquisa, recolha de dados/informações, processamento e disseminação) para os EUA o ciclo é mais detalhado e possui seis fases (Orientação do esforço de pesquisa, recolha de dados/informações, processamento e exploração dos dados, análise e produção, disseminação/integração, avaliação e interação (feedback)). Independentemente do nível de detalhe do processo o HUMINT contribui de forma decisiva para a recolha de dados/informação e os seus produtos finais contribuem para o passo análise e produção.

Pergunta 3 - Qual o impacto que poderá ter a HUMINT numa Operação de Estabilização?

Resposta 3 - A contribuição do HUMINT pode ser transversal a todos os níveis do processo de planeamento operacional (mas com um ênfase maior na fase 1 e 2).

No entanto o seu impacto na fase 3 da estimativa operacional depende em parte da formulação do problema e da forma como o comandante equacionou a sua resolução. A análise da missão é por isso condicionada pelo supracitado. A fase 3 do referido processo ao dividir-se em duas subfases perfeitamente diferenciadas permite que na primeira se procure compreender o problema operacional (estabelecendo o que deve ser feito para cumprir a



missão). Nessa fase o HUMINT contribuirá de forma decisiva para a total compreensão do problema e fornecendo pistas valiosas sob a melhor forma de cumprimento da missão. Na subfase 2 ao formular as modalidades de ação e ao selecionar aquela que será executada o HUMINT poderá contribuir para essa escolha ao fornecer actionable intelligence.

Pergunta 4 - Entende que o ambiente operacional num futuro próximo será (muito) diferente do atual?

Resposta 4 - O ambiente operacional futuro terá que levar em linha de conta uma panóplia de ameaças de 360 graus e com um potencial para utilização de novas armas tecnologicamente avançadas e com grandes assimetrias em número de efetivos militares utilizados (terrorismo, conflito armado no espaço, conflito armado em ambiente marítimo, terrestre e aéreo com a realização de operações convencionais e não convencionais (com recurso à utilização de forças especiais), conflito armado no ciberespaço, com recuso a guerra eletrônica, a guerra nuclear, química e biológica). Todo o espectro de características geográficas e condições climáticas deverá ser equacionado e com a urbanização acelerada de grandes áreas geográficas as batalhas futuras serão inevitavelmente travadas dentro dos limites da grande metrópole. Isso trará dificuldades acrescidas ao nível do comando, controlo e comunicações. As informações que atualmente são produzidas para apoiar o ciclo de planeamento das forças armadas, a condução de operações ou campanhas militares, e a avaliação de cenários futuros terão avisos antecipados de ameaças mínimos. A velocidade de recolha, o processamento e a análise terão que ser realizados a um ritmo vertiginoso, pois o fator tempo jogará a favor do oponente. A diferença entre uma ação militar com um efeito desejado correrá o risco de se facilmente se tornar numa ação indesejada ou mesmo prejudicial à imagem da operação devido ao supracitado no futuro ambiente operacional.

Pergunta 5 - Como perspetiva a utilização de uma célula HUMINT num TO, em apoio a uma FND (inserida na Força ou dependente do CFT, em apoio direto à Força)?

Resposta 5 - A utilização de uma *National Intelligence Cell* (NIC) como uma capacidade estabelecida deve ser financiada e mantida por uma nação de forma a garantir o apoio em Informações. A mesma deve ser inserida na estrutura de um comando NATO/EUTM/ONU (sob uma designação diferente integrada no modulo da força nacional presente no TO (caso do LIBANO)) e pode ser colocada junto de um quartel-general permanente ou projetável destas organizações (ou num local que se situe relativamente perto desta instalação caso do AFG). A utilização dos NIC/Célula de Informações Militares (CIM) garantem os meios necessários para uma troca de informação direta e segura entre a nação e a estrutura de informações da organização do teatro a um nível operacional. Os NIC produzem informação tática e operacional em proveito da das forças nacionais destacadas e da Nação, em primeira prioridade, e garantem ao órgão do quartel-general responsável pela gestão das fases do ciclo de produção de informações, onde estão inseridas a *Collection, Coordination & Intelligence Requirements Management* (CCIRM), a possibilidade de detalhar e orientar a resposta aos pedidos de informação do comandante para na *Area Of Responsibility* (AOR) dos países presentes no teatro. Isto é naturalmente executado em segunda prioridade produzindo um efeito sinérgico na capacidade de pesquisa e recolha de informação da Força Internacional (da qual o país hipoteticamente participa tira partido). O HUMINT é apenas uma das capacidades da referida célula não devendo a mesma ser reduzida a esta disciplina de informações. A célula deverá possuir capacidade de efetuar a



atividade de contrainformações (de forma a contrariar a ameaça) e de segurança (para poder aconselhar o comandante da FND). Paralelamente para poder possuir a capacidade de produção de informações deverá possuir capacidades redundantes (possuindo módulos de SIGINT, IMINT e uma capacidade mínima de análise). O conceito de célula HUMINT (na minha modesta opinião) é demasiado redutor e não serve os interesses nacionais e das forças armadas. A tônica coloca-se sempre no desenho organizacional e nos processos e nunca segundo uma metodologia que favoreça a atividade garantindo sinergias entre todas os módulos das disciplinas que contribuem para a produção de informações de natureza militar.



Apêndice E — Entrevista à Entidade E (TCor Hugo Rodrigues)

Nome: Hugo Miguel da Silva Rodrigues

Posto: Tenente-Coronel

Cargo/Função: Sub-Chefe CSMIE

Data: 08nov18

Tipo de entrevista: Não presencial (email)

Local: Lisboa

Pergunta 1 - No seu entender, quais as capacidades da HUMINT?

Resposta 1 - A capacidade da informação recolhida através de fontes humanas é, à semelhança das outras disciplinas de informações, a contribuição para o CPI e consequente resposta a quesitos de informação concretos. No entanto, face à sua tipicidade, a HUMINT consegue aceder a informação privilegiada, inacessível por outros meios ou recursos, apoiando o decisor de forma única.

Pergunta 2 - Qual a contribuição da HUMINT para o Ciclo de Produção de Informações?

Resposta 2 - A HUMINT contribui para o CPI recolhendo informação que satisfaça os requisitos definidos superiormente no plano de pesquisa, respondendo às preocupações prioritárias do Comandante. Materializa mais um sensor de pesquisa que o Comandante tem ao seu dispor, para através de fontes, neste caso humanas, conseguir aceder a uma tipologia de informações, que de outra maneira, não conseguiria aceder.

Pergunta 3 - Qual o impacto que poderá ter a HUMINT numa Operação de Estabilização?

Resposta 3 - O impacto da informação recolhida por fontes humanas, seja numa operação de estabilização ou noutra tipologia de operações, é o acesso a informação única e privilegiada. Entendo que a unicidade da HUMINT se deve à capacidade de aceder a fatores tão singulares como: emoções, perceções, reações, pensamentos e atitudes. Estes elementos materializam-se como uma vantagem em qualquer planeamento na tomada de decisão. Numa Operação de Estabilização, em particular, a identificação de pessoas de interesse, a interação com a população local e com entidades governamentais e não governamentais, concretizam uma enorme vantagem para o decisor.

Pergunta 4 - Entende que o ambiente operacional num futuro próximo será (muito) diferente do atual?

Resposta 4 - Entendo que independentemente da configuração que o ambiente operacional no futuro possa assumir, o elemento humano estará sempre presente e configurar-se-á como o componente vital para o sucesso de qualquer operação.

Pergunta 5 - Como perspetiva a utilização de uma célula HUMINT num TO, em apoio a uma FND (inserida na Força ou dependente do CFT, em apoio direto à Força)?

Resposta 5 - Este módulo de apoio com capacidade HUMINT, à semelhança do que já existiu no passado, estaria inserido na Força, apoiando o oficial de informações, através de uma estrutura duas vezes.